

## AS TAREFAS DE EAGLETON

Patrícia Trindade NAKAGOME\*

EAGLETON, T. **A tarefa do crítico**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Em *A tarefa do crítico*, estão delineadas as inúmeras tarefas assumidas por Terry Eagleton ao longo de sua ativa carreira, que se desdobra em diversos temas, instituições e públicos, sem nunca perder de vista dois pontos fundamentais: a relevância da teoria e a força do marxismo. No formato de entrevista, é possível ter acesso aos meandros da formação e da produção acadêmica e cultural daquele que provavelmente é hoje o maior entusiasta da crítica marxista.

Costurar uma história intelectual com reflexões sobre a vida privada poderia parecer algo com sentido esvaziado, já que a recente autobiografia de Eagleton (2001) possui propósito semelhante. No entanto, o livro está longe de ser uma repetição menor especialmente por seu formato, em que as entrevistas são conduzidas com bastante mérito por Matthew Beaumont, cujo conhecimento detalhado da obra de Eagleton e do contexto intelectual de suas publicações permitiu-lhe levar o entrevistado não apenas a uma descrição de sua obra, mas a uma densa reflexão sobre ela.

Na firme e complexa ligação entre a produção intelectual e a trajetória pessoal, o ponto de referência mais importante para Eagleton é Raymond Williams, que curiosamente havia ficado de fora da autobiografia. Se há diferenças intelectuais entre os dois, expressas segundo o entrevistado “de forma crítica – talvez em demasia a certa altura” (p. 250), há, principalmente, uma base comum de preocupação e reflexão, oriunda do que ele chama de “situação psíquica impossível”, “de investir sua identidade e defender as pessoas que você ao mesmo tempo está deixando para trás, e que estão pedindo que você vá para o bem delas e para o seu” (p. 46).

Há um compromisso com a classe trabalhadora que une o pensamento de Williams e Eagleton, mesmo quando caminhos teóricos diferentes são assumidos. A influência da obra de Althusser é frequentemente indicada como o ponto definidor desse distanciamento teórico, algo colocado sob suspeita por Eagleton, que afirma: “Não há um único conceito importante de Althusser sobre o qual eu não tenha sérias ressalvas” (p. 162-3).

---

\* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. São Paulo – SP – Brasil – 05508-010. patricia.nakagome@usp.br

O diálogo com obras de outros importantes teóricos marxistas (como Jameson, Stuart Hall e Zizek) aparece em diversos momentos do livro. Nesse viés de críticas positivas, cabe destacar o lugar de Walter Benjamin, que atua como linha de amarração nesse livro, desde o título até a afirmação final:

Escrevi em meu estudo sobre Benjamin em 1981 que a tarefa primária do crítico socialista era a de participar do que eu chamava de emancipação cultural das massas [...]. Tudo isso, não é preciso dizer, descreve a tarefa do crítico socialista em tempos muito mais esperançosos politicamente do que os dias de hoje. [...] Mas acho que devemos manter esse objetivo em mente para nos impedir de imaginar que a tarefa do crítico socialista seja simplesmente a de escrever ensaios sobre Henry James sob a ótica marxista. Nesse sentido, as verdadeiras tarefas do crítico ainda estão por vir. (p. 342-3)

O olhar sobre a obra de Benjamin havia sido importante para Eagleton (1981) porque a partir dali já se reconhecem marcas de sua escrita criativa, algo também relevante em sua carreira, mas principalmente por sinalizar a “consciência da necessidade de politizar a crítica” (p. 194). A ação do crítico deve considerar as bases materiais de sua realidade, buscando um espaço de mudança no futuro. Nesse sentido, o trabalho com as massas nunca significou para ele uma análise de produtos da dita indústria cultural, algo considerado mais fácil, tampouco apenas a análise detida de obras da tradição literária, mesmo que com o enfoque marxista. Ao longo do livro, temos delineada uma noção de que o crítico deve recuperar o trabalho com a dimensão textual de uma obra, a fim de lançar um olhar interrogativo para a realidade, revelando seu lado obscuro e buscando possibilidades de transformação.

A politização da crítica passa, para Eagleton, invariavelmente pela importância da teoria, algo que defendeu ao longo de sua carreira, inclusive em discussão com Edward Said, em quem ele reconhece um ativismo político, impossível ao seu temperamento e ao de outros intelectuais. Eagleton relata algumas de suas atividades práticas relacionadas ao trabalho do intelectual, mas considera, fundamentalmente, que sua ação deve se dar junto à teoria, visto que considera a teoria literária como “uma atividade genuinamente democrática” (p. 222), pois permite que todos participem dela a partir do aprendizado de certas linguagens, não através de algo inato, de uma cultura específica, de algo que vem com “sangue e tradição” (p. 222).

É esse impulso de democratizar uma atividade por essência democrática que motivou o crítico a um movimento de sempre publicar um livro mais acessível após um mais denso, algo iniciado após o fenômeno de *Literary theory: an introduction*. Sua linguagem permitiu o acesso e a difusão de conceitos e ideias, frequentemente mantidos dentro dos muros da academia por seu obscurantismo, algo criticado com frequência: “Ideias inatamente difíceis são uma coisa; o obscurantismo é outra” (p. 295); ou ainda, com a ironia que lhe caracteriza: “Quereria que Homi Bhabha fizesse

o mesmo...” (p. 160), referindo-se à preocupação de intercalar “obras mais difíceis e mais populares”.

A ironia não é apenas uma marca de estilo de Eagleton, é uma maneira de desestabilizar, obrigar a reação. Como ele próprio afirma: “Vejo meus trabalhos mais recentes como uma tentativa deliberada de provocar esses esquerdistas” (p. 316). Ele espera que o marxismo seja retomado por críticos anteriormente compromissados com ele, que não seja abandonado em favor do que está na moda, com seus temas afins a uma política das minorias, da diferença, não da igualdade. Como ele aponta, o debate deve ir além do cânone, já que “é possível tratar obras canônicas de forma radical e obras não canônicas conservadoramente” (p. 319).

Mediante uma bem elaborada articulação entre a biografia e as atividades intelectuais, temos o registro das motivações mais profundas de Eagleton: a escrita como necessidade existencial e como constante homenagem a seu pai, o homem que desejava ser seu próprio chefe e morreu um ano depois de assumir sua loja, quando Terry Eagleton mudou-se para Cambridge. Em suas ações e trajetória biográfica, Eagleton materializa um verdadeiro movimento das margens ao centro, que marca seu desconforto em Oxbridge e suas ácidas e polêmicas reações àquele contexto. Sem ser um propósito do livro, ali está contida a força da marginalidade, num sentido mais vital do que o conceito tomado como “simplória afirmação pós-moderna” (p. 88).

Em época de descrença não só em torno da teoria e da crítica literárias, como da própria literatura, *A tarefa do crítico* surge como mais uma das provocações de Eagleton: provocação que visa mover no sentido de uma atuação mais compromissada com a sociedade e menos limitada aos interesses acadêmicos e suas imposições “da moda”.

## Referências

EAGLETON, T. **Walter Benjamin; or, Towards a revolutionary criticism**. London: Verso, 1981.

\_\_\_\_\_. **Literary theory**: an introduction. Oxford: Blackwell, 1983.

\_\_\_\_\_. **The gatekeeper**: a memoir. London: Allen Lane, 2001.

Recebido em 30/12/2012

Aceito para publicação em 10/06/2013



